

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

O BALUARTE¹

Abdelfattah Kilito

Abdelfattah Kilito é um escritor marroquino nascido em Rabat, onde leciona Artes na Universidade Mohammed V. Ensaísta, autor de *L'Auteur et ses doubles* (Le Seuil, 1985), *L'œil et l'Aiguille* (La Découverte, 1992), publicou ainda, na coleção Sinbad / Actes Sud, *Tu ne parleras pas ma langue* (2008) e *Les Arabes et l'Art du récit* (2009). A. Kilito obteve, entre outros, o Grand Prix marocain (1989), o Prix Atlas (1996) e o Prix du Rayonnement de la langue française (1996).

Esta coletânea de artigos, de conferências e de notas de leitura, escritas com erudição e humor, apresenta reflexões sobre as relações, na vida quotidiana e na literatura, entre o árabe literal, os árabes falados e as línguas estrangeiras. Servindo-se de uma fórmula de Kafka – “[...] falo todas as línguas, mas em Yiddish” –, Abdelfattah Kilito aborda questões que se prendem essencialmente com a dualidade identidade / alteridade, e trata de forma original a problemática da tradução, do bilinguismo, das origens do romance árabe e da evolução da literatura marroquina contemporânea.

¹ Abdelfattah Kilito (2013) “Comment peut-on être monolingue”? in *Je parle toutes les langues mais en arabe*, Paris: Sindbad, Actes Sud, pp. 13-16.

Na *Epístola do perdão*, de Ma'arrî, obra que descreve o além, uma passagem é curiosamente consagrada à língua do primeiro homem. Ficamos a saber que, no Éden, Adão falava árabe, mas, uma vez expulso do paraíso, esquece a sua língua e começa a falar siríaco. A mudança de espaço faz-se assim acompanhar da perda de uma língua e da aquisição de uma outra e o esquecimento do idioma original é considerado como um castigo. Depois da ressurreição e do regresso ao paraíso, Adão esquecerá evidentemente o siríaco e retomará o árabe...

Não se muda impunemente de espaço: ao fazê-lo, o homem corre o risco de esquecer a sua língua ou, dito de outra maneira, arrisca-se a tornar-se outro. Muitos magrebinos, muitos árabes poderão reconhecer-se hoje na história de Adão: de uma forma ou de outra, aprenderam uma língua estrangeira e “esqueceram” a sua.

Até à idade de sete anos, eu conhecia apenas o árabe, e, não me lembrando da forma como a adquiri (mas quem se lembra de como aprendeu a falar?), tenho tendência a acreditar que esta língua me é inata e que se acordava com o universo em que eu evoluía, o da minha casa, da família e do bairro. O mundo bastava-se então a si próprio, fechado e perfeito, e só vagamente sabia que indivíduos pertencentes a uma religião diferente falavam francês ou espanhol.

Estudei francês devido a um acidente da história, ou melhor da geografia. Se tivesse nascido no norte de Marrocos, teria aprendido a língua de Cervantes, e penso que a minha carreira e o meu destino teriam tomado um outro rumo. Aprendi francês porque nasci em Rabat, na zona colocada sob o protetorado da França.

Um dia, sem me perguntar a opinião, o meu pai levou-me à escola. Foi toda uma verdadeira viagem: era preciso sair de casa, deixar a medina, ir além das muralhas e pisar uma terra onde nunca me tinha ainda aventurado, a da cidade nova. Vi pela primeira vez caleches puxadas por cavalos e alguns automóveis. No pátio da escola, havia uma multidão de crianças barulhentas, correndo por todo o lado.

Como não os conhecia, imaginei logo que sentissem hostilidade em relação a mim. No meio do caos, eu procurava o meu pai para me refugiar ao seu lado: mas ele tinha desaparecido. Estava abandonado, desorientado, perdido (e ainda não conhecia a história do Pequeno Polegar). No entanto, no final da aula, de que não guardo a mais pequena recordação, consegui por milagre regressar a casa. Reencontrei os meus pais e, ao contrário de Adão, não esqueci o árabe.

Depois disso, a viagem tornou-se quotidiana, da medina até ao outro lado da muralha, do espaço familiar ao espaço estrangeiro. Viajei também do registo do oral ao do escrito: o francês impôs-se a mim como uma língua inseparável da escrita, aprendia-a soletrando as letras e anotando-as nos meus cadernos, estudei-a, não para a falar, mas para a ler e escrever. Mal deixava a sala de aula, a língua francesa desvanecia-se pois não tinha nunca nenhuma ocasião para a utilizar. É verdade que, progressivamente, adquirira a possibilidade de a falar com os professores, única situação em que a podia praticar. Fora da instituição escolar, ela não valia nada: os alunos não se serviam dela entre si e em casa era proscrita. Era a língua da separação: pela primeira vez talvez na história de Marrocos, as crianças tinham recebido uma língua desconhecida para os seus pais.

Mesmo se fazíamos ditados corretos e bastante boas redações, erámos incapazes de falar correntemente francês, e, em todo o caso, não como falantes nativos. E assim continuou, no que me diz respeito, até hoje. Não possuo senão um francês livresco, literário, e fora deste registo sinto-me totalmente desarmado. Fala-o como escrevo, com a diferença de que não posso voltar ao que disse para, se necessário, o retificar.

O árabe clássico, que estudei ao mesmo tempo que o francês, estava igualmente circunscrito à escola e ao livro. Aprendíamo-lo para o ler e o escrever, como o francês. Apesar da proximidade entre o dialetal e o clássico, há uma partilha de funções: o dialetal destinava-se às trocas quotidianas, o clássico está ligado à religião, à política,

ao que é nobre, oficial, pomposo. Assim, é inevitável que amedronte um pouco, tanto mais que pode facilmente transformar-se em *língua de pau*². Não se fala árabe clássico, havendo mesmo menos oportunidades para o falar do que o francês, e é possível afirmar que, fora de certas circunstâncias, é proibido utilizá-lo sob pena de se cair no ridículo: não caberia na ideia de ninguém recorrer ao árabe clássico ao fazer as suas compras no mercado de rua. É a língua do sagrado, da determinação poética, dos discursos de aparato, da literatura. Para mim, é essencialmente a língua dos colóquios: discorrer, nessa ocasião, é metamorfosear-me, sentir uma mutação operar-se em mim, tornar-me um orador consternado, um ator envergonhado, que hesita e se arrisca, a cada momento, a tropeçar em alguma declinação.

Falo árabe dialetal. Leio árabe clássico³. Com efeito, a minha formação habituou-me a só ler textos escritos em francês e em árabe literal. Claro que há poemas, narrativas, provérbios em dialetal, mas permanecem para mim, e de um modo fundamental, ligados à oralidade. Quando me acontece lê-los, tenho uma sensação bizarra: por efeito do hábito, começo a decifrá-los como se estivessem escritos numa língua estrangeira. E é tão fácil falar em dialetal quanto é laboriosa a sua leitura, semeada de armadilhas. Assim, o francês e o árabe clássico têm em comum o facto de serem línguas do escrito, e, por conseguinte, da literatura. Foi através delas que tive acesso ao prazer de ler textos literários.

² Nota da tradutora: no original, *langue de bois*, que significa o discurso, oral ou escrito, estereotipado e hipócrita, sobretudo utilizado pelos políticos.

³ Uma observação de Aimé Césaire surpreendeu-me um pouco: “Quando começámos a escrever o crioulo, quando decidimos ensiná-lo, o povo não exultou de alegria [...]. Recentemente, encontrei uma mulher a quem perguntei: “Minha senhora, foi deixar os seus filhos à escola. Sabe que acaba de ser tomada uma medida muito interessante: o crioulo vai ser ensinado na escola. Fica contente?”. E ela respondeu-me: “Eu contente? Não, porque se mwen ka vouyé ick mwen lékol (se mando os meus filhos para a escola), não é para eles aprenderem o crioulo, mas o francês. O crioulo sou eu que o ensino, e em casa”. O seu bom-senso tocou-me. E havia uma parte de verdade nas suas palavras” (*Nègre je suis, nègre je resterai*, Entretiens avec Françoise Vergès, Paris, Albin Michel, 2005, pp. 41-42)

Línguas do prazer, mas também línguas do erro, no sentido de que tenho sempre receio de não as utilizar “corretamente”. Este problema não se coloca quando falo árabe dialetal: posso então cometer lapsos, nunca erros, o que me dá um sentimento de segurança. O que aprendi do dialetal, aprendi-o de uma só vez, e posso dizer que, desde a idade de três anos, não progredi no seu conhecimento. Sempre pensei que não há nele nenhuma zona misteriosa, nenhum recanto que permaneça desconhecido para mim. O mesmo não acontece com o francês ou com o árabe literal que aprendi e continuo a aprender. Sendo a minha relação com estas línguas essencialmente baseada no escrito, pergunto-me sempre, de cada vez que escrevo uma frase, se não terei cometido um erro relativo à sintaxe, ao acordo dos tempos verbais, às desinências. Ao longo dos anos, progredi seguramente no seu conhecimento, mas nunca os dominarei totalmente. Assim, perseguido por um sentimento de culpabilidade, tenho de estar sempre alerta e exercer uma constante vigilância. São inúmeros os riscos e um erro pode custar caro: a todo o momento podemos dar um passo em falso e nem sempre é fácil levantarmo-nos de uma queda.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE
CRISTINA ROBALO CORDEIRO
Universidade de Coimbra